



**OS SONHOS DE HOSSI E SUA INFLUÊNCIA COLETIVA EM ANGOLA  
NO ROMANCE *A SOCIEDADE DOS SONHADORES INVOLUNTÁRIOS*  
(2017), DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA**

***HOSSI'S DREAMS AND THEIR COLLECTIVE INFLUENCE IN ANGOLA  
IN THE NOVEL *A SOCIEDADE DOS SONHADORES  
INVOLUNTÁRIOS* (2017), BY JOSÉ EDUARDO AGUALUSA***

***LOS SUEÑOS DE HOSSI Y SU INFLUENCIA COLECTIVA EN ANGOLA  
EN LA NOVELA *A SOCIEDADE DOS SONHADORES  
INVOLUNTÁRIOS* (2017), DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA***

Denise Rocha<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo do estudo é apresentar as experiências oníricas de Hossi Apolônio Kaley, antigo brigadeiro da UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), que foram objeto de estudo do neurocirurgião Hélio de Castro, o qual desenvolveu uma máquina capaz de filmar os sonhos alheios. De casaco roxo, Hossi caminha pelos sonhos de outras pessoas, embora não tenha consciência disso. A questão do devaneio, um dos temas do romance *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017), de José Eduardo Agualusa, será analisada sob a perspectiva da teoria dos sonhos, de Freud.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura angolana, Agualusa, Sonhos, Freud.

## ABSTRACT

*The aim of the study is to present the dream experiences of Hossi Apolônio Kaley, former brigadier of UNITA (National Union for the Total Independence of Angola), which were the object of study by neurosurgeon Hélio de Castro, who developed a camera capable of filming the dreams of others. In a purple coat, Hossi walks through other people's dreams, although he is not aware of it. The issue of reverie, one of the themes of the novel *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017), by José Eduardo Agualusa, will be analyzed from the perspective of Freud's theory of dreams.*

**KEYWORDS:** *Angolan literature, Agualusa, dreams, Freud.*

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal de Uberlândia. Licenciatura em Letras e Doutorado em Literatura e Vida Social, UNESP, Assis/SP. Pós-Doutorado em Letras Literatura (Literatura moçambicana) na Universidade Federal do Ceará. E-mail: rocha.denise57@gmail.com



**RESUMEN**

*El objetivo del estudio es presentar las experiencias oníricas de Hossi Apolônio Kaley, ex brigadier de UNITA (Unión Nacional para la Independencia Total de Angola), que fueron objeto de estudio del neurocirujano Hélio Castro, quien desarrolló una cámara capaz de filmar los sueños de otras personas. Con un abrigo rojo, Hossi camina con los sueños de otras personas, pero no se da cuenta de sí mismo. La cuestión de las ensoñaciones, uno de los temas de la novela *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017), de José Eduardo Agualusa, será analizado desde la perspectiva de la teoría de los sueños de Freud.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Literatura angoleña, Agualusa, sueños, Freud.*

**Introdução**

O romance *A sociedade dos sonhadores involuntários*, de José Eduardo Agualusa<sup>2</sup>, publicado em 2017, evoca a trajetória de dois angolanos até o ano de 2016: o militar Hossi Apolônio Kaley e o jornalista Daniel Benchimol (personagens ficcionais), que se conheciam, pois Hossi era proprietário do Hotel Arco-Íris, em Cabo Ledo, onde Daniel se hospedava frequentemente. Eles foram afetados por severos conflitos bélicos históricos em Angola: pela Guerra de Independência ou Guerra de Libertação (1961-1974) e pela Guerra Civil (1975-2002).

Hossi é um antigo brigadeiro da UNITA (União Nacional para a Integração Total de Angola) que não reconheceu a vitória do MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola), na eleição presidencial (1975), e recomeçou a guerra civil. Neste conflito, ele atuou como interrogador-torturador de prisioneiros e civis suspeitos e começou a ter visões e sonhos, alguns de caráter apocalíptico. Hossi escreveu em seu diário que teve três momentos terríveis em sua vida - ferimento durante a guerra de Libertação do jugo colonial; testemunha dos assassinatos de sua esposa e de dois filhinhos e ataque elétrico de dois raios - que lhe afetaram a memória. Ele esteve em uma clínica para tratamento de traumas de guerra, em Havana, onde foi atendido pela psicóloga Helena, a Floco de Neve, e começou a se infiltrar nos sonhos do capitão Pablo Pinto, um marxista-leninista. Durante sua estada em Cuba, Hossi teve um profundo

2 José Eduardo Agualusa Alves da Cunha (1960) escreveu romances: *A Conjura* (1989), *Estação das Chuvas* (1996), *Nação Crioula: correspondência secreta de Fradique Mendes* (1997), *Um Estranho em Goa* (2000), *O Ano em que Zumbi Tomou o Rio* (2001), *O Vendedor de Passados* (2004), *As Mulheres do meu Pai* (2007), *Barroco Tropical* (2009), *Milagrário Pessoal* (2010), *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), *A Educação Sentimental dos Pássaros* (2012), *A Vida no Céu* (2013) e *A Rainha Ginga: E de como os africanos inventaram o mundo* (2014); novelas: *A Feira dos Assombrados* (1992), *A Girafa que Comia Estrelas* (2005) e *O Filho do Vento* (2006); contos: *D. Nicolau Água-Rosada e outras histórias verdadeiras e inverossímeis* (1990), *Fronteiras perdidas, contos para viajar* (1999), *O Homem que Parecia um Domingo* (2002), *Catálogo de Sombras* (2003), *Manual Prático de Levitação* (2005), *Passageiros em Trânsito* (2006) e *O Livro dos Camaleões* (2015); poesia: *O Coração dos Bosques* (1991); literatura infantil: *Estranhões e Bizarrocos* (2000) e *Nweti e o Mar: exercícios para sonhar sereias* (2011); guia: *Na Rota das Especiarias* (2008) e crônica: *A Substância do Amor e Outras Crônicas* (2000) e *O Paraíso e Outros Infernos* (2018). Além de peças de teatro: *Geração W* (2004), *Chovem Amores na Rua do Matador* (2007), com Mia Couto, *Aquela Mulher* (2008) e a reportagem *Lisboa Africana* (1993), com a fotógrafa Elza Rocha e o jornalista Fernando Semedo.

relacionamento amoroso com Ava, uma moça casada. De volta a Angola, o antigo militar abriu um hotel, foi vítima de um atentado praticado por um torturado na guerra e infiltrou-se em sonhos coletivos sobre a queda do presidente angolano.

A questão dos sonhos envolve Hossi, Benchimol, Moira e Hélio. O jornalista encontrou uma máquina fotográfica com imagens oníricas e localizou a proprietária erradicada na África do sul, Moira Fernandes, artista plástica moçambicana que desenha os próprios sonhos e os fotografa. Ela tem contato com o neurocientista brasileiro Hélio de Castro, que desenvolve uma máquina capaz de filmar os sonhos de outras pessoas.

Daniel Benchimol era crítico do presidente ditador não nomeado, mas que indicava ser José Eduardo dos Santos<sup>3</sup>. O jornalista-investigador foi casado com Lucrécia, filha de um importante diretor de uma estatal, apoiador do regime de economia centralizada e de partido único. Benchimol trabalhava no jornal *O Pensamento Angolano* e era correspondente de um jornal português, no qual tecia severas críticas à ditadura angolana. Foi demitido dos dois, a pedido do sogro, divorciou-se e ficou afastado da filha Lúcia (Karinguiri), por boicote da ex-esposa. Ele escreveu peças de teatro, fez traduções técnicas para várias empresas e começou a trabalhar em um jornal *on-line*.

Benchimol e Hossi têm um vínculo por causa da participação de parentes no movimento em prol da democracia. A filha Lúcia e o sobrinho Sabino do antigo militar eram membros de um grupo de ativistas políticos, os revus, que atacaram o presidente de Angola e, no cárcere, entraram em greve de fome.

O narrador de *A sociedade dos sonhadores involuntários* é Benchimol, que descreve sua trajetória de jornalista perseguido entrelaçada à do cruel militar Hossi, a partir dos seus diários (1998, em Cuba, e 2016, em Moçambique) encontrados no hotel Arco-Íris. O jornalista enfatiza um episódio histórico angolano, marcado pelo engajamento em prol da democracia, contra a censura e a prisão (2016): o movimento dos revolucionários, os revus.

A luta de alguns jovens contra a ditadura intensificou-se com a fala do *rapper* Luaty<sup>4</sup> em uma apresentação, consolidou-se com a organização de uma manifestação e terminou no cárcere, depois da realização de uma reunião de 14 jovens (2015) para discussão do livro, que tinha circulação clandestina, *Ferramentas para destruir o ditador e evitar nova ditadura*:

---

3 José Eduardo dos Santos (1942), cujo nome original é José Eduardo Van Dúnen, foi comandante-em-chefe das Forças Armadas Angolanas (FAA) e presidente do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), partido que monopolizou o poder desde 1975, ano da independência. A partir de 1979, Santos estava na presidência, de cunho ditatorial. No ano de 2015, o movimento dos jovens revolucionários, os revus, exigiu a renúncia dele, que informou que deixaria a vida pública, em 2018. Sob pressão interna e externa, o presidente deixou o cargo, em setembro de 2017, sendo sucedido por João Lourenço. (JOSÉ, s.d., p. 1)

4 Licenciado em Engenharia Eletrotécnica em Plymouth (Reino Unido) e em Economia em Montpellier (França), Henrique Luaty Beirão (1981) é ateu, músico e ativista social. Ele é conhecido como Brigadeiro Mata Frakuzx e Ikonoclasta, como raper hip-hop desde 1994. Seu pai, João Beirão, foi filiado ao MPLA e era diretor geral da Fundação José Eduardo dos Santos até seu falecimento, em 2006. (LUATY, s.d., p. 1)

*Filosofia política da libertação para Angola*, do jornalista Domingos Cruz, que se encontrava detido.

O líder Luaty Beirão e os companheiros foram presos, no dia 20 de junho de 2015, sob acusação de preparação de uma rebelião e de um atentado contra o presidente José Eduardo dos Santos (MPLA), que estava no cargo desde 1979. Em 22 de outubro do mesmo ano, Luaty, que se encontrava em greve de fome, foi internado em uma clínica de Luanda, onde recebeu a visita de João da Câmara, embaixador de Portugal em Angola. Quatro dias mais tarde, o jovem terminou a referida greve que durou 36 dias. No dia 28 de março de 2016, o líder foi condenado a 5 anos e meio de prisão, no entanto, dois meses mais tarde, ele e os companheiros - Hitler Samussuku, José Gomes Hata, Arante Kivuvu, Sedrick de Carvalho, Nelson Dibango, Inocêncio e Brito, entre outros - foram soltos, em regime de liberdade condicional. (LUATY, s.d., p. 1)

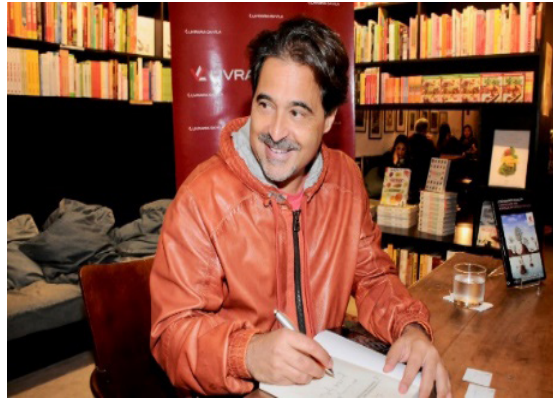


**Fig. 1- Ativistas no tribunal (16 nov. 2015) Luaty Beirão, ao centro, de óculos**

Aos participantes da manifestação radical contra o ditador angolano, Agualusa, na dedicatória do livro, consolida um tributo:

Para Laurinda Gouveia, Rosa Conde, Luaty Beirão, Domingos da Cruz, Nito Alves, Mbanza Hamza, José Hata, Samussuko Tchikunde, Inocêncio Brito, Sedrick de Carvalho, Albano Bingo, Fernando Matias, Nelson Dibango, Arante Kivuvu Lopes, Nuno Álvaro Dala, Benedito Jeremias, Osvaldo Caholo e todos os jovens sonhadores angolanos. (AGUALUSA, 2017, p. 5).

Sidarta Ribeiro, a quem o romance *A sociedade dos sonhadores involuntários* também é dedicado, é professor do Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e atua nas áreas de sono e memória. Elementos da biografia de Ribeiro ecoam na composição do personagem Hélio de Castro.



**Fig. 2- Lançamento do romance no Brasil (São Paulo, jul. 2017)**

No lançamento do romance, o autor, em entrevista concedida a Carlos Macedo, intitulada “José Eduardo Agualusa lança *A sociedade dos sonhadores involuntários*”, publicada em 24 de julho de 2017, explica sua compreensão a respeito dos sonhos:

MACEDO: “Sonhos nos ajudam a organizar o pensamento”, afirma uma das personagens, Moira. Para você funciona assim?

AGUALUSA: Sem dúvida alguma. Eu realmente sonho com os personagens, com os enredos e até com alguns diálogos. Sonho quase sempre com o final dos romances. (AGUALUSA, 2017a, p. 1)

Memórias, sonhos e visões são os *leitmotive* da narrativa, que tem como epígrafes: *O real dá-me asma*, de E. M. Cioran, e *Recordemo-nos sempre de que sonhar é procurarmo-nos*, de Bernardo Soares/ Fernando Pessoa. (AGUALUSA, 2017, p. 7).

O objetivo do estudo “Os Sonhos de Hossi e sua influência coletiva em Angola no romance *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017), de José Eduardo Agualusa” é apresentar, de um lado, a origem da narrativa e as experiências oníricas de Hossi Apolónio Kaley, antigo brigadeiro da UNITA, que foram influenciadas por sua participação na guerra civil angolana. De outro, a participação dele e de Daniel Benchimol em episódios que evocam a memória histórica, individual e coletiva de Angola. A análise dos sonhos e das visões de Hossi, que usava um casaco roxo em devaneios alheios, será baseada na teoria dos sonhos, de Freud.

## **1 - Gênese do romance (história e memória)**

Na conferência *A leitura como utopia - literatura, democracia e justiça social, o caso angolano*, realizada em 6 de agosto de 2018, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em parceria com as “Fronteiras do Pensamento Porto Alegre”, José Eduardo Agualusa falou sobre o processo de elaboração do romance em resposta à seguinte questão:

A “Sociedade dos sonhadores involuntários” se assenta sobre alguns eixos extremamente importantes na sua obra: o sonho e a memória, referenciados sempre pela história. Você trouxe a história na sua fala e um dos aspectos que aparece muito forte na no livro é essa reação dos jovens. É muito interessante a forma como isso parece, porque eles são a reação efetiva sem medo, mas, ao mesmo tempo, você mostra um certo distanciamento deles da geração anterior, onde a gente já enxerga o medo, o receio. O próprio Daniel seria um desses exemplos. Eu gostaria que você falasse sobre isso.

AGUALUSA: É preciso explicar, primeiro, que esse livro surge de duas situações: de um lado, a minha relação com o sonho e, de outro, uma situação que se desencadeou a partir da prisão de um jovem *rapper* angolano, Luaty Beirão. Eu sempre sonhei muito e sonho com enredos complexos, com um dos livros, com personagens. [...]

Nessa época, eu estava muito impressionado com o surgimento desse movimento que tinha a ver com a Primavera Árabe ter eclodido na Tunísia e no Egito, apareceu em Angola um jovem rapper e um palco de um festival de música lotado de gente. No meio do show, ele interrompeu a música para fazer uma declaração defendendo a democratização do país e o filho do presidente estava na plateia. Luaty se dirigiu ao filho do presidente, dizendo: “Vai dizer ao teu pai que 33 anos é demais. Acabou.” Aquilo nunca tinha acontecido antes em Angola. E quando vi aquilo nas redes sociais, foi uma emoção muito grande. Todos nós sentimos isso. Sentimos que o regime ia cair no dia seguinte. Acho que o próprio regime teve esse medo nos dias seguintes. (JOSÉ EDUARDO AGUALUSA RESPONDE, 2018, p. 1)

Agualusa informou, ainda, que depois de tal episódio político, o grupo de jovens angolanos, os revus, convocou manifestações, sendo presos, mas não deixaram se intimidar até que foram surpreendidos pela polícia na leitura de obra interdita, referida na introdução, e acusados de planejamento de golpe de estado. O escritor mencionou que participou de passeatas a favor da libertação de Luaty e de seus companheiros e acrescentou:

Foi sob a influência desses acontecimentos que escrevi o livro. Eu queria falar um pouco sobre como as diferentes gerações enfrentaram essa situação, em como os jovens enfrentaram e em como a geração anterior estava paralisada pelo medo e não reagiu. É curioso que esse movimento de solidariedade que surgiu alcançou os nomes mais importantes da cultura angolana entre os jovens, mas, os mais velhos não se manifestaram. Não houve uma voz dos escritores mais velhos em favor dos jovens. (*ibidem*)

Além do episódio de desobediência civil liderado por Luaty Beirão, Agualusa aborda, na referida entrevista, sua amizade com o médico Sidarta Ribeiro:

**[...] você conseguiu descobrir algumas coisas importantes sobre o sonho? Eu pergunto isso, por que no livro a gente tem um personagem que não sonha, mas transita pelos sonhos dos outros. A gente tem a artista que encena e fotografa os próprios sonhos, e o Daniel, que sonha com quem ele não conhece. Temos as várias possibilidades mágicas do tratamento com o próprio sonho e mais o neurocientista. O que você descobriu do sonho com ele?**

AGUALUSA: O Sidarta tem essa ideia de que é preciso recuperar o sonho, porque durante milênios o sonho tinha uma utilidade prática. Se o sujeito sonhasse que havia um leão próximo a um rio, tomaria mais cuidado da próxima vez que fosse até um rio. O sonho é uma criação de modelos de realidade. As pessoas se reuniam para discutir os sonhos e isso ainda se faz nas regiões rurais. Antigamente, havia a figura mais velha da casa, geralmente a avó, que era quem interpretava os sonhos. (*ibidem*)

Com incursões em Angola, África do Sul, Cuba, Brasil e Moçambique, *A sociedade dos sonhadores involuntários* tem como temas principais a memória, o sonho e a visão: a memória histórica de Angola - a guerra de independência, a guerra civil e o movimento dos revu -, a memória de Hossi (diários) e a de Benchimol, e os estados oníricos de Hossi que dialogam com Freud.

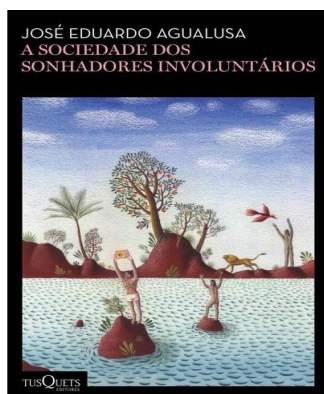
## **2 - O sonho (Freud)**

Na obra *A interpretação dos sonhos*, Sigmund Freud (1856-1939) explica os vínculos entre a memória e os conteúdos mentais excluídos e reprimidos da consciência pelas atividades de defesa do ego. O psicanalista austríaco faz a “investigação dos meios pelos quais os sonhos representam as relações entre os pensamentos oníricos” e destaca “a natureza geral das modificações, porque passa o material desses pensamentos para a formação de um sonho” (FREUD, 1989, p. 349). Ele destaca:

[...] esse material, despojado em grande parte de suas relações, é submetido a um processo de compreensão, enquanto que, ao mesmo tempo, os deslocamentos de intensidade entre seus elementos promovem necessariamente uma transposição psíquica dos valores do material. (FREUD, 1989, p. 349)

Freud explica as fases oníricas do sonho e a sua expressão pictórica, destacando a simbologia do sonho e a memória de pessoas, vinculadas a objetos, a lugares, à fauna e à flora, que serão verificados no romance angolano.

### 3 - A narrativa internacional de José Eduardo Agualusa



**Fig. 3- Capa do romance. Editora Planeta, 2017**

A capa do romance, uma ilustração de Alex Cerven, revela uma paisagem aquática colorida, mesclada com elementos reais e oníricos, composta por duas pequenas ilhas e, ao fundo, por quatro montes com vegetação e destaque para uma árvore repleta de frutos maduros, bem como um homem cinza desnudo, de costas, um leão amarelo e um pássaro colorido voando. Embaixo, no centro, à esquerda, a gravura remete a um homem de calça curta branca (Daniel), que segura uma máquina fotográfica amarela, pertencente à Moira Fernandes. Ao lado do homem de short, encontra-se outro menor, de pé, sobre uma ilhota.

Um entrelaçamento estético compõe a quádrupla estrutura narrativa: os relatos (2016) de Daniel Benchimol; o diário (1998 e 2016) de Hossi Apolónio Kaley; as mensagens eletrônicas (2016) de Moira a Daniel e vice-versa e as cartas (2016): uma, de Hossi a Daniel e, outra, de Lúcia a seu pai, Daniel. A ação concentra-se em 2016, ano de episódios sociopolíticos marcantes para a sociedade angolana, como o engajamento dos revus para derrubar o governo ditatorial que caiu no ano seguinte (2017). O espaço é internacional - Angola (Luanda, Cabo Ledo, Mavinga e Huambo), África do Sul (Cidade do Cabo), Cuba (Havana), Brasil (Recife e Natal) e Moçambique (Ilha de Moçambique) - e revela viagens internas e externas dos protagonistas.

O antigo militar Hossi é proprietário do Hotel Arco-Íris, no qual o jornalista Daniel Benchimol se hospeda, esporadicamente. Em uma curta estadia, ele vê no mar uma máquina fotográfica amarela, à prova d'água, que fora perdida pela moçambicana Moira Fernandes durante uma reportagem sobre tubarões na Cidade do Cabo (África do Sul). O cartão de memória continha fotos de paisagens oníricas, as quais, segundo a moça, eram imagens de seus sonhos. Tais informações foram reveladas a Daniel em sua visita a ela, que revelava semelhança com a Mulher-dos-Cabelos-de-Algodão-Doce, que aparecera em um sonho dele.

Por coincidência, estava nesses dias em Cabo o neurocientista brasileiro Hélio de Castro, que participava de um congresso e se interessou pelas fotos oníricas de Moira. O médico diz:



Comecei a me interessar pelo papel dos sonhos enquanto fazia o meu doutoramento nos Estados Unidos. Pesquisei a representação do canto dos pássaros no cérebro. Nada a ver com sonhos. [...] Sonhava muito com questões ligadas à tese. [...] Contudo, após esse tempo, a minha tese começou a fluir e eu compreendi que, pelo contrário, os sonhos haviam me ajudado.

- O que está a dizer é que os sonhos nos ajudam a organizar o pensamento?  
–perguntou Moira.

- Mais do que isso. Sonhar é ensaiar a realidade no conforto da nossa cama.  
[...]

- Infelizmente, as pessoas deixaram de valorizar os sonhos. Precisamos devolver ao sonho a sua vocação prática.

- O que significam os meus sonhos?- quis saber Moira.

- Não sei. Isso só você pode saber. Os sonhos têm a ver com a experiência emocional de cada um.

- Que interesse tem para você a minha obra?

- O que você está fazendo com as suas fotografias é tentar traduzir os sonhos em imagens. No Laboratório do Sonho, onde eu trabalho, tentamos conseguir algo semelhante. Desenvolvemos uma tecnologia que nos permite espreitar os sonhos dos outros. (AGUALUSA, 2017, p. 110).

A experiência onírica une Moira, Daniel e Hossi, o qual invade sonhos alheios, com roupa roxa, em Cuba e em Moçambique.

### **3.1 - Pesadelos influenciados pela Guerra de Independência ou Guerra de Libertação (1961-1974) e pela Guerra Civil (1975-2002)**

Ecos políticos estão presentes na narrativa de Agualusa em duas facetas: de um lado, permeada pelas memórias de Daniel Benchimol e de Hossi Apolónio Kaley, personagens ficcionais, que, no ano de 2016, evocam, entre si e em escritos, os permanentes reflexos dos conflitos bélicos angolanos, o da Guerra de Independência ou Guerra de Libertação (1961-1974) e o da Guerra Civil (1975-2002). Esta foi eclodida pelas rivalidades e lutas entre o marxista MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola), apoiado pela União Soviética e Cuba, e a anticomunista UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), que contou com a ajuda dos Estados Unidos da América e da África do Sul.



**Fig. 4- Jonas Savimbi (1934-2002), Líder da UNITA**

Os movimentos políticos armados angolanos foram envolvidos pela engrenagem da Guerra Fria. Jonas Savimbi (1934-2002), comandante da UNITA,<sup>5</sup> é mencionado várias vezes na narrativa de Agualusa, bem como o conflito bélico de Mavinga (1987), no qual Hossi foi ferido gravemente. Há ainda a menção, com licença poética, da atmosfera da ditadura - censura à imprensa e à liberdade de opinião e de expressão - no longo governo de José Eduardo dos Santos (1979-2017), presidente do MPLA e da República, bem como do movimento de desobediência civil (2011- 2015) contra o presidente idoso, que também interage no texto do escritor angolano, embora não nomeado e envolto em elementos ficcionais.



**Fig. 5- José Eduardo dos Santos (presidência 1979-2017)**

Em seu diário (1998 e 2016), Hossi relata suas experiências de guerra e de pós-guerra e suas vivências oníricas, como na visão descrita para a psicóloga cubana, com data de segunda-feira, 24 de agosto de 1998:

Durante a guerra vi o que não tem esclarecimento. Luzes atravessando paredes; chuvas de aranhas e pássaros mortos. Lembro até hoje de uma lagoa da qual saltavam sapos gordos, amarelos como limões. Quem comesse aqueles sapos começava a falar uma língua desconhecida. As pessoas queriam falar português ou umbundo, mas só conseguiam falar essa língua. Compreendiam-se umas às outras. Nós, os que não quisemos comer os sapos, não entendíamos nada. (*idem*, p. 56).

5 A UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) e a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) não aceitavam o poder do MPLA (1975), que contava com a ajuda da União Soviética e Cuba, país que mantinha acordo comercial com Angola, em vários aspectos. No romance de Agualusa, Hossi foi tratar seus traumas de guerra em uma clínica em Havana. A UNITA, sob liderança de Jonas Savimbi, apoiada pelos Estados Unidos da América e pela África do Sul, provocou uma guerra civil que durou 27 anos e terminou em 2002. (JOSÉ, s.d., p. 1)

Animais humanizados, como sapos falantes que se comunicavam em um idioma desconhecido para pessoas, permeavam as visões assombrosas. Hossi recordava-se também de árvores fantásticas: algumas “árvores carregadas de minúsculos caranguejos luminosos. À noite, faziam lembrar árvores de Natal”. Em outra, um embondeiro (baobá) “cantava ao anoitecer as canções mais tristes do mundo”. (*ibidem*). Paralelamente à aparição da natureza em convulsão, Hossi tinha visões com outros seres humanos: uma, a imagem repulsiva de “um velho que vomitava pequenas serpentes como se fosse macarrão”. (*ibidem*).

Outra estranha experiência real, mesclada com uma faceta sobrenatural, foi o envelhecimento imediato de um conhecido e reverenciado senhor que, por seu conhecimento sobre magia, foi apontado como autor de um atentado contra Savimbi, o líder político e militar da UNITA, personagem histórico. Na condição de réu, ele foi encaminhado pelo interrogador-torturador Hossi:

Certa ocasião entregaram-me um homem, um famoso feiticeiro, acusado de tentar envenenar Savimbi. Enquanto conversávamos - conversar não será a expressão mais adequada -, o sujeito foi envelhecendo. Não chegou a confessar nada porque morreu de velhice nos meus braços. (*ibidem*)

Hossi teve outras estranhas e horripilantes visões sobre militares desvairados que cometeram várias formas brutais de feminicídios: “mulheres fuziladas, apedrejadas, queimadas vivas, porque os soldados as acusavam de voar à noite, com os morcegos, ou de os seduzir com cantos meigos para depois os transformar em pássaros”. (*ibidem*). Eles as culpavam de atuarem como bruxas noturnas e como sereias fascinantes, revelando ideologias machistas justificadas na tradição ocidental sobre criaturas femininas maléficas.

Outra terrível visão foi o desvario de alguns milicianos: “Vi soldados, que acreditavam terem sido transformados em pássaros, a pipilar, acorados nos ramos de árvores altas”. (*ibidem*). Os rapazes padeciam de uma alucinação coletiva sem explicação lógica e empírica.

### **3.1.1 - Devaneios de Hossi em Cuba**

O estado de saúde do militar agravou-se depois de ter sido ferido durante o conflito de Mavinga, onde estavam instaladas as bases militares da UNITA, episódio histórico de 1987 e 1988. Sua vida foi ainda mais abalada, pois sua esposa e seus dois filhinhos foram barbaramente assassinados em sua presença. Esta foi sua primeira morte, a segunda ocorreu quando, ao consertar a antena da televisão, foi atingido por dois raios que lhe deixaram uma horrenda cicatriz e uma confusão na memória.

Depois de três meses de hospitalização, Hossi foi enviado para Havana, juntamente com o General Amável Guerreiro, a fim de se tratarem em uma clínica especializada em traumas de guerra. Lá, ele conheceu a psicóloga Helena Ribas e Ava, seu grande amor, e começou a aparecer em seus próprios sonhos e nos de pessoas desconhecidas trajando um casaco roxo.

Hossi relatou à psicóloga seus pavorosos sonhos na condição de militar, durante a guerra angolana. Ele recordava-se ainda dos sonhos premonitórios de sua parente e a jovem acentuou o vínculo entre as experiências oníricas e o sortilégio:

- Chegaste aqui um tanto perturbado. Acho bem natural, quem não ficaria perturbado depois de viver todos os horrores que tu viveste? Sonhos, vamos falar de sonhos. Alguma vez pensaste para que servem os sonhos?

- Sei lá! A minha avó se servia dos sonhos para saber coisas. Adivinhava o futuro através dos sonhos. Podia fazer sol, de manhã, mas ela sabia que choveria ao entardecer.

-Sim. Os sonhos e a adivinhação estão ligados. Os sonhos foram desde sempre uma disciplina da magia. Mas tu não acreditas em magia, pois não? Eu sou psicóloga. Acredito um pouco. (*idem*, p. 70 e 71).

À psicóloga Helena, que apesar de ter formação científica acreditava em ritos ligados ao sobrenatural, Hossi revelou algumas de suas horripilantes visões na guerra, interpretadas por ela como sonhos:

Contei-lhe que ao longo da vida, especialmente na mata, vi muitos fenômenos estranhos, ouvi muitas histórias, mas nada tão disparatado como a que o pessoal da inteligência cubana inventara. Floco de Neve disse-me que os sonhos nos ajudam a enfrentar o mundo real. Antigos combatentes costumam sofrer de pesadelos. (*idem*, p. 71).

Para Helena, a experiência com a guerra motivava certos tipos de sonhos, como forma de enfrentamento da vida. Ela parecia não compreender a atmosfera angolana, mesclada com o real e o sobrenatural. Na compreensão de Freud (1989), a memória vincula vivências excluídas e reprimidas e algumas delas surgem em experiências oníricas.

### 3.1.1.1 - A invasão de Hossi em sonhos alheios

Transferido da clínica de tratamento de traumas de guerra para um pequeno apartamento em um prédio de Havana, onde residiam civis e militares, Hossi continuou a fazer terapia. Ele conheceu Ava, uma jovem casada com um senhor idoso, e começaram uma relação interdita. O capitão Pablo Pinto, um dos moradores, antigo combatente em Angola, ateu convicto e orgulhoso de sua descrença total nos dogmas cristãos de Jesus Cristo, como filho de Deus, e da ascensão ao céu de sua mãe Maria, começou a sonhar com Hossi, a quem perguntou como poderia se infiltrar em sonhos dos outros:

Que história maluca, companheiro, que porra de história. Um destes dias mandam-me interrogar o homem invisível – disse isso num tom grave, e eu endireitei-me também. – Companheiro tens a tu frente um cubano raro, um genuíno marxista-leninista. Não acredito na merda da *santeria*, nem em Jesus Cristo, nem na sua santa mãe, que ascendeu aos céus, a 15 de agosto, a bordo de uma nuvem prateada. Seria mais fácil para mim se dissesse logo que raio de veneno destes a beber a malucos para estes se porém todos a sonhar contigo. [...] (AGUALUSA, 2017, p. 59).

Hossi, entretanto, não sabia explicar como acontecia aquilo e conversou com a psicóloga, que lhe perguntou se os pesadelos se repetiriam:

- Eu não sofro de pesadelos! Pablo, sim. Pablo é doido varrido.

- Pablo também combateu em Angola. O que quero dizer é que talvez os pesadelos ajudem as pessoas a lidar com as memórias traumáticas. Além disso, parece certo que os sonhos servem para fixar memórias. Finalmente, podem ajudar-nos a encontrar soluções para problemas que nos preocupam enquanto estamos acordados. [...] (*idem*, p. 71).

A jovem tentava esclarecê-lo da importância do papel dos sonhos para o embasamento das recordações e para a possível revelação da compreensão e da resolução de conflitos na realidade concreta.

### **3.2 - O sonho coletivo para derrubada do presidente da república (2016)**

Depois de seu retorno de Cuba e do final da guerra civil de Angola, Hossi organizou o hotel Arco-Íris, em Cabo Ledo. Por causa de seu passado turbulento na guerra, o antigo torturador foi baleado por Ezequiel Ombembua, que tinha sido barbaramente castigado por ele. Ironicamente, nesse mesmo dia, a antiga amante cubana de Hossi, Ava, recém-viúva, tinha chegado para reencontrá-lo depois de 18 anos.

Moribundo na clínica de Muxima, Hossi infiltrou-se em sonhos coletivos de moradores de Luanda: ele surgiu no palácio presidencial do governo angolano como um vingador contra a longa ditadura e confrontou o presidente de 70 anos sobre os desmandos governamentais e a perseguição aos revus. Ambos se atracaram em um acerto de contas, verbal e físico e iniciou-se uma sessão de julgamento na qual Hossi atuava também como juiz, procurador e carrasco:

Disse isso enquanto, com um simples gesto, rachava o presidente no meio. Do interior do presidente irrompeu um presidente menor, mas ainda mais empertigado que o anterior:

- Por quê? – perguntou o pequeno presidente.

\_ O senhor roubou-nos o país.

- Ninguém rouba o que é seu. – contestou o pequeno presidente. – Somos todos angolanos. (*idem*, p. 244).

No sonho coletivo, o presidente, diminuído de poder e de altura, assumia-se como parte do povo, mas foi contestado por Hossi, que o acusou de vender as riquezas naturais angolanas: “- Somos, sim, mas o que estava combinado era para que as riquezas da nação seriam utilizadas em proveito geral. Você destruiu o futuro de nossos filhos. Destruiu o nosso sonho”. (*ibidem*).

Neste tribunal de crime político e econômico, Hossi exigia respostas e posicionamentos sobre os jovens revolucionários:

- Diga a verdade.

- Que verdade?

- Porque prendeu os revus?

- São terroristas. (*ibidem*).

O presidente esclareceu que os jovens, como Lúcia e Sabino, não teriam conhecido o terror de guerra e estariam dividindo a sociedade. Indignado, Hossi “rachou o mínimo presidente ao meio. O que surgiu em seu lugar era um ser ínfimo, assustado, com uma minúscula voz de cana rachada”. (*ibidem*). Reduzido à condição de pessoa sem poder algum, depois de ter sido senhor absoluto de poder angolano por décadas, o presidente temia a sua destruição pessoal e a de seus familiares, bem como a dos projetos concretizados em sua administração. Foi esmagado pelos pés do enfurecido Hossi. Nesse momento de aniquilamento de poder físico e político, angolanos de diversas idades, gêneros e profissões atravessavam as paredes do palácio presidencial:

[...] jovens com batuques; velhos carregando enxadas e catanas; mecânicos, com os macacões sujos de óleo; rapazes mucubais, com crinas de zebra na cabeça. Meninos descalços, quimbandeiros, soldados, estudantes, pescadores. E também catorzinhas, quitandeiras, peixeiras, zungueiras, kinguilas, as antiquíssimas bessanganas, dobradas ao peso da idade; mães grávidas, com um filho às costas e outro pela mão; cozinheiras, lavadeiras e babás. (*idem*, p. 244 e 245).`

Abismados, como peixes no aquário e “com redondos olhos de assombro”, eles contemplavam as telas e os armários de portas abertas naquele estranho gabinete. De um lado, viam “milhares de bustos do presidente, em ouro e prata”, que revelavam o culto exacerbado

ao governante e, de outro, “as cabeças empalhadas dos antigos fracionistas e inimigos do povo, desaparecidos havia tantos anos” (*idem*, p. 245). Tratava-se de objetos macabros que escancaravam a brutalidade desenfreada do regime político.

Nesse gabinete de horrores, podiam observar sinais de vida em “boiões de vidro cheios de pequenos corações aflitos, ainda vivos e palpitantes”, bem como “globos de cristal em que flutuavam, num céu tão azul quanto o da minha infância nos dias felizes, as brincadeiras por estrear das catorzinhas e dos meninos descalços” (*ibidem*). Eram imagens plenas de esperanças por um futuro melhor. Nesse grupo tão heterogêneo, unidos na coletividade identitária angolana, destacou-se a bessangana, mulher luandense que se veste de forma tradicional, com panos, e que se tornou o símbolo de Angola:

- Está tudo aqui – disse uma das bessanganas apontado em redor. – Todos os dias que nos roubaram.

Começou a chorar.

Chorava e ria.

Aquela bessengana era todos nós. (*ibidem*).

Essa senhora de Luanda representava o povo angolano: antes, explorado, humilhado e calado; agora, sem o tirano depois de muitos anos, de sonhos individuais e coletivos, voluntários e involuntários. O sonho coletivo que tem Hossi, como protagonista aniquilador do ditador, repercutiu na capital e fortaleceu as pessoas que começam a acreditar em transformações profundas. Muitas solidarizaram-se com os revus e pediram pela soltura dos mesmos e pela deposição do chefe de estado, aos brados por liberdade. Diante de tamanha pressão, o presidente deixou o governo e fugiu para a Rússia.

## **Conclusão**

O estudo “Os sonhos de Hossi e sua influência coletiva em Angola no romance *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017), de José Eduardo Agualusa”, apresentou o entrelaçamento entre a história, a psicologia e a literatura, mescladas com a memória histórica, individual e coletiva de Angola durante a Guerra de Independência ou Guerra de Libertação (1961-1974), a Guerra Civil (1975-2002) e a ditadura de José Eduardo dos Santos (1979-2007).

Em relação à memória, José Eduardo Agualusa, na mencionada entrevista realizada no Brasil, em 2018, recebeu a seguinte pergunta:

**Em “A sociedade dos sonhadores involuntários” tem uma cena muito interessante em que falam o Jean e o Daniel, e a ideia do Daniel é de que o passado não muda, entretanto, para o Jean, o passado muda através da imaginação. Essa possibilidade de mudança do passado através da imaginação é o papel da arte e da literatura.**

A resposta do escritor foi:

AGUALUSA: Memória e identidade estão sempre ligadas. Talvez o passado não mude, mas a forma como nós olhamos o passado muda. A nossa interpretação do passado vai mudando e isso se faz em grande medida através da arte e, em particular, da literatura. (JOSÉ EDUARDO AGUALUSA RESPONDE, 2018, p. 1)

As relações entre a memória, os conteúdos mentais reprimidos da consciência e os sonhos, bem como as suas simbologias e expressões pictóricas, são enfatizadas em *A interpretação dos sonhos*, de Freud (1989). Tal contexto de pensamentos oníricos torna-se evidente nas terríveis experiências mentais do personagem ficcional Hossi, antigo brigadeiro da UNITA, movimento liderado por Jonas Savimbi, que não reconheceu a vitória do MPLA na eleição presidencial (1975) e recomeçou a guerra civil. Em seu diário, Hossi mencionou sonhos e visões, vivenciados na época de sua participação na sangrenta guerra civil angolana, que refletiam uma natureza profundamente abalada com estranhos comportamentos de aranhas, pássaros, sapos, caranguejos e árvores, alguns humanizados.

A psicóloga Helena explicou a Hossi que “os pesadelos ajudam as pessoas a lidar com memórias traumáticas” e “os sonhos servem para fixar memória”. (AGUALUSA, 2017, p. 71). Para o ex-combatente, a simbologia pictórica, social e grotesca de bruxas e sereias sedutoras parecia ser responsável pelos alucinados comportamentos dos soldados: alguns destruíram a vida de mulheres em uma fúria exacerbada (feminicídios). Outros, em desvario, acreditavam serem pássaros que trepavam em árvores e piavam.

Na função de torturador, Hossi teve outras visões extraordinárias: ele presenciou um ser humano envelhecer rapidamente em seus braços, bem com um velho vomitar serpentes. Eram imagens horripilantes de descontrole da natureza humana, provocadas pela guerra.

Algumas pessoas sonhavam com Hossi, que trajava uma roupa roxa, mas sem poderem compreender a simbologia. No ano 2016, entretanto, ele foi protagonista de um sonho coletivo em Luanda. O ex-militar da UNITA e atual proprietário de hotel aparecia como juiz, promotor e algoz do presidente de Angola, de quem exigia libertar os jovens revolucionários em greve de fome e deixar o poder. Encorajados por esse sonho involuntário em prol da libertação do tirano, os angolanos seguiram até o palácio presidencial e exigiram a soltura dos revus e a sua queda.



A respeito do vínculo entre a literatura e o sonho, José Eduardo Agualusa, na entrevista a Macedo, anteriormente mencionada, expressa sua opinião:

MACEDO: A literatura também é uma sociedade de sonhadores involuntários?

AGUALUSA: Talvez de sonhadores voluntários, ou seja, de pessoas que se treinam para sonhar. Profissionais do sonho, digamos assim. É assim que somos. (AGUALUSA, 2017a, p. 1).

## REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. **A sociedade dos sonhadores involuntários**. São Paulo: Planeta, 2017.

\_\_\_\_\_. **José Eduardo Agualusa lança *A sociedade dos sonhadores involuntários***. Entrevista concedida a Carlos Macedo, 24 jul. 2017a. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2017/07/24/noticias-artes-e-livros,210230/jose-eduardo-agualusa-lanca-a-sociedade-dos-sonhadores-involuntarios.shtml>>. Acesso em: 2. jan. 2021.

BES.SAN.GA.NA. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/bessangana>>. Acesso em: 2. jan. 2020.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Trad. de Walderedo I. de Oliveira. São Paulo: Círculo do Livro, 1989. v. 2

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA RESPONDE: a união perdida em nome das brigas políticas. **Fronteiras do Pensamento**. 7 ago. 2018.

Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/noticias/jose-eduardo-agualusa-responde-a-uniao-perdida-em-nome-das-brigas-politicas>>. Acesso em: 2. jan. 2020.

JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Eduardo\\_dos\\_Santos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Eduardo_dos_Santos)>. Acesso em: 2. jan. 2021.

LUATY BEIRÃO. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Luaty\\_Beir%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Luaty_Beir%C3%A3o) Acesso: 2. jan. 2021.

## ICONOGRAFIA

Fig. 1- Ativistas no tribunal (16 nov. 2015). Luaty Beirão, ao centro, de óculos. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Activistas\\_no\\_tribunal,\\_Luaty\\_Beir%C3%A3o,\\_VOA.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Activistas_no_tribunal,_Luaty_Beir%C3%A3o,_VOA.jpg)>. Acesso em: 2. jan. 2021.

Fig. 2- Lançamento do romance no Brasil (São Paulo, julho de 2017). Disponível em:

<<https://glamurama.uol.com.br/galeria/noite-de-autografos-do-livro-a-sociedade-dos-sonhadores-involuntarios-em-sp/>>. Acesso em: 2. jan. 2021.

Fig. 3- Capa do romance. Editora Planeta, 2017. Disponível em:

<<https://www.amazon.com.br/Sociedade-dos-Sonhadores-Involunt%C3%A1rios-ebook/dp/B0743JP28V>>. Acesso em: 2. jan. 2021.

Fig. 4- Jonas Savimbi (1934-2002), Líder da UNITA. Disponível em: <https://gramho.com/explore-hashtag/SAVIMBI>>. Acesso em: 2. jan. 2021.

Fig. 5- José Eduardo dos Santos (1979-2017). Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/presidente-de-angola-tem-de-negociar-a-sua-pr%C3%B3pria-sa%C3%ADa-diz-agualusa/a-19003403>>. Acesso em: 2. jan. 2021.

## FILMOGRAFIA

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA EM ‘A SOCIEDADE DOS SONHADORES INVOLUTÁ...’. Disponível em: < <https://www.facebook.com/watch/?v=478231299197558>>. >. Acesso em: 2. jan. 2021.

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA: “EM TEMPOS DE CONSTRUÇÃO DE MUROS, OS LIVROS SÃO NOSSAS PONTES”. 24 set. 2018. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Vi1Ua6M72Jg>>. Acesso em: 2. jan. 2021.

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA NO #SempreUmPapo. 31 jul 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z4eS66PX4m0>>. Acesso em: 2. jan. 2021.